

LAUANA DE ALMEIDA

**O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM
NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Orientadora: Dra. Maria Eleusa Montenegro.

“[...] A luta contra o erro tipográfico
tem algo de homérico.

Durante a revisão os erros se escondem,
fazem-se positivamente invisíveis.

Mas assim que o livro saí,
tornam-se visibilíssimos [...]”
(Monteiro Lobato)

A todos os professores que transformaram o ensino e levaram os alunos a desenvolver as suas competências durante o processo de aprendizagem.

Agradeço a Deus que até aqui tem me ajudado, aos meus familiares, à professora Maria Eleusa Montenegro e em especial aos meus pais pelo carinho, paciência e contribuição ao meu crescimento pessoal e profissional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
1.1	JUSTIFICATIVA.....	9
1.2	OBJETIVOS.....	10
1.2.1	OBJETIVOS GERAL.....	10
1.2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1	O CURRÍCULO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM..	11
2.2	O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	12
2.2.1	O PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	14
2.3	A ESCRITA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	16
2.4	AS TEORIAS DA ESCRITA.....	19
2.5	ESCRITA: CONCEITO E TEORIA.....	20
2.6	UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA ESCRITA.....	22
2.7	MÉTODOS TRADICIONAIS DA ESCRITA.....	25
2.8	FASES DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA.....	27
2.9	O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	28

2.10	O EDUCANDO E SEU DESENVOLVIMENTO.....	30
2.11	POSIÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA: PROFESSOR/ ALUNO.....	31
2.12	FORMAÇÃO DOS PROFESSORES.....	33
3	METODOLOGIA.....	34
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	34
3.2	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	35
3.3	CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	36
3.4	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	37
3.5	CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	37
3.6	ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	39
5	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Nas séries iniciais do ensino fundamental o currículo é trabalhado de forma que o ensino seja de qualidade, buscando formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la. O currículo neste nível de ensino contempla o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que temos hoje, tendo vista a rapidez na produção do conhecimento. (MEC 2001, p.47).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

- Investigar o processo da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.

1.2.2 Específicos

- Identificar o processo de aprendizagem da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Identificar as dificuldades de aprendizagem mais comuns na aquisição da escrita.
- Analisar as metodologias utilizadas na aquisição da escrita nas séries iniciais do ensino fundamental.
- Levantar subsídios que possam colaborar com o processo de ensino-aprendizagem da escrita.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O CURRÍCULO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Sobre o currículo e o processo ensino-aprendizagem, no documento “Currículos Educacionais - uma metodologia de planejamento” (1980, p. 20-30), pode-se ler que:

Entre o currículo, no sentido de tábua curricular, cujo núcleo comum é fixado pelo Conselho Federal de Educação (1980), e o currículo com significação ampla de experiências educativas desenvolvidas pelos alunos, há um trabalho intermediário, a ser desenvolvido pelas administrações, pelos órgãos de estudos e pelas escolas, a fim de guiar, em linhas gerais, o trabalho do professor, assegurando-lhe o auxílio possível para que tenha êxito em sua tarefa. É o trabalho de organização de programas, cuja importância nunca será demais encarecer, especialmente num País que como o nosso não apresenta uma tradição feliz nesse sentido. (BRASIL. MEC, 1980, p. 29).

2.2 O DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Para se colaborar no planejamento e na realização de atividades em grupo, aceitarem as normas e regras que democraticamente sejam estabelecidas, articular os objetivos e interesses próprios com os outros membros do grupo, respeitando pontos de vista distintos e assumindo as responsabilidades correspondentes, Ferreiro e Teberosky (1979, p. 26) enfatizam que:

Ao escrever e ao ler, a questão não é acertar, memorizar, reproduzir ou copiar. São problemas complexos, cognitivos, que requerem manipular dados, formular hipóteses, planejar estratégias de resolução, buscar os recursos necessários, realizar, encontrar soluções e comprovar os resultados, corrigir e revisar. A ortografia não é mera aplicação da norma, é investigar, identificar problemas, contrabalançar alternativas, tomar decisões, verificar, observar regularidades.

2.2.1 O Processo do Desenvolvimento da Escrita e o Processo Aprendizagem

O desenvolvimento da criança depende das interações entre o biológico e o social, a criança evolui de uma maturação motora (1º. Desenvolvimento motor; 2º Desenvolvimento motor-perceptivo; 3º Desenvolvimento perceptivo-motor) a uma maturação da linguagem depois à organização perceptiva e por último ao processo cognitivo. (FONSECA; MENDES, 1987, p 45).

O desenvolvimento cognitivo da criança é determinado pela história concreta da experiência total que ela edifica num dado meio. Pode-se afirmar que:

O processo da linguagem escrita inclui, portanto aquisições receptivas (sistemas de input), aquisições integrativas (sistemas de associação) e aquisições expressivas (sistemas de output). A evolução da linguagem passa primeiro por um sistema sinestésico-simbólico que compreende a experiência pré-verbal já focada, depois evolui para um sistema auditivo-simbólico, que compreende o domínio receptivo e expressivo da linguagem falada e por último, requinta-se e precisa-se, num sistema viso-simbólico que compreende o domínio receptivo (leitura) e expressivo (escrita) da linguagem. (FONSECA; MENDES, 1987, p. 46)

2.3 A ESCRITA NO PROCESSO APRENDIZAGEM

Na condição de vida que o adulto cria para a criança, exercem uma influência muito importante nos primeiros meses de desenvolvimento, acelerando ou inibindo o desenvolvimento motor não só quanto à velocidade, como também à direcionalidade e nível de execução. O fator social não pode, pois, ser dissociado da aprendizagem, dado que ele condiciona profundamente a ontogênese psicomotora da criança. E a questão é que para (FONSECA; MENDES, 1987, p. 50):

O processo de aprendizagem é uma condição humana baseada essencialmente na interação de dois personagens: a criança e o adulto socializado. Conseqüentemente, a participação da linguagem desenvolve e facilita o “transfer” das aquisições anteriormente retidas, para outras condições e situações. É aqui, portanto que está o papel socializante da aprendizagem humana, visto que a linguagem tem origem social, e é exatamente o que permite a comunicação entre os indivíduos que compõem uma determinada sociedade.

2.4 AS TEORIAS DA ESCRITA

O que é habitualmente chamado de construtivismo é a aplicação das teorias de aprendizagem de Jean Piaget.

Em vez de apontarem “erros” e fornecerem respostas “corretas”, é fundamental permitir que as crianças desenvolvam suas próprias teorias e hipóteses a respeito da escrita e garantir o raciocínio, que não se desenvolve com a repetição mecânica de conteúdos. (CURTO, 2000, p. 25)

Para Montessori (1870, apud CURTO; MARRILO; TEIXIDÓ, 2000, p. 28) o conceito de escrita está relacionado com o conceito de criança: um ser capaz de crescer por si mesmo; não é apenas uma técnica de alfabetização, mas um sistema de educação. Os princípios fundamentais do sistema Montessori são:

A atividade, a individualidade e a liberdade, enfatizando os aspectos biológicos, pois, considerando que a vida é de grande valia achava que era função da educação favorecer esse desenvolvimento. Na alfabetização usa-se o método fonético apresentando para a criança a letra e seu som. Associa-se o som a uma imagem conhecida.

Os principais objetos são blocos de madeira, cubos, fitas e todo tipo de material que estimule a audição, o tato, a visão e mesmo a concentração. A educação dos sentidos é essencial. Buscam-se a criança “equilibrada”, aquela que consegue dominar a si mesma e o espaço a sua volta. Em relação à escrita, as crianças conhecem várias introduzidas na análise das palavras e letras; estando a mão treinada e reconhecer a criança pode escrever palavras e orações inteiras. (CURTO; MARRILO; TEIXIDÓ, 2000, p. 28).

2.5 ESCRITA: CONCEITO E TEORIA

A escrita é um elemento fundamental para o processo de aprendizagem e toda a civilização evoluída: facilitando e entendendo os meios de comunicações entre as crianças, permitindo os registros necessários a uma sociedade organizada.

Ao longo de sua constituição, a escrita vem assumindo um papel cada vez mais proeminente no mundo contemporâneo. Evoluindo a partir de necessidades histórico-culturais, passa, de “simple instrumento de preservação de informações importantes para a subsistência das sociedades primitivas, [...] a meio fundamental de acumulação e transmissão de informações e de conhecimentos, desempenhando um papel central nas sociedades letradas” (REGO, 1988, p. 9).

Se desde os primórdios de sua existência, tem servido a diferentes propósitos comunicativos e interativos entre os homens, e entre estes e o conhecimento, a escrita tem igualmente serviço a propósitos de não comunicação, de discriminação entre eles. Embora contraditórias essas funções, entre outras assumidas pela escrita, coexistem e são resultados de um longo processo histórico, cuja evolução deu-se associada à transformação das formas de produção, da intensificação das tecnologias e comunicações e instituição da personificação do direito. Por responder, em sua evolução, como afirma Gnerre (1987, p. 8):

As exigências políticas e culturais – já que a própria associação de uma variedade lingüística à linguagem escrita é “resultado histórico indireto de oposições” entre grupos sociais usuários das diferentes variedades “-as funções que assume nas sociedades têm caráter político-ideológico, como atribuição de poder e autoridade, por exemplo, ultrapassando as puramente comunicativas”. Mas se inscreve como forma possível de acesso aos conhecimentos elaborados, apropriados por grupos que se constituem como dominantes e interditados às demais chamadas sociais.

2.6 UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA ESCRITA

Preocupado com a escrita nos mais diferentes tipos de sociedade e em diversas épocas da história, Goodman (1988, p. 46) afirma que:

Ao aprender a manipular dispositivos de natureza essencialmente gráfica (como o alfabeto ou a tabela aritmética), o homem torna-se capaz de empregá-los para organizar a informação mentalmente, por mais numerosa que ela seja sem precisar recorrer ao lápis ou papel. Assim, o homem distingue-se na natureza por fazer ao pensamento simbólico, e também, por exteriorizar e comunicar esses planos. É precisamente este tipo de atividade que a escrita promove, encoraja, transforma e transfigura.

Para Goodman (1988, p. 47) escrever permite-nos falar livremente acerca dos nossos pensamentos. A fala é evidentemente programada pelo cérebro e está submetida a um controle pelo ouvido interno; aquilo a que chamamos pensamento corresponde, na maior parte das vezes, a falar em silêncio. Contudo, só uma pequena parcela de nossas reflexões se torna virtualmente um ato comunicativo interpessoal, isto é, de A para B em relação a um objeto X, embora a comunicação intrapessoal (as reflexões) tenha importância crucial.

2.7 MÉTODOS TRADICIONAIS DA ESCRITA

Os métodos tradicionais caracterizam a etapa que vai do nascimento até o aparecimento da linguagem, apesar de reaparecerem durante toda a infância. Entre os dois e seis anos a tendência lúdica predominante se manifesta sob a forma de simbologia, revelando conflitos interiores, medos e angústias.

A sociedade é plena de contradições que refletem interesses antagônicos das classes sociais que nela existem, sendo que as contradições penetram em todos os aspectos da vida social, inclusive na escolha dele, a relação direta do homem com o mundo físico e social é feita através do trabalho (atividade coletiva) e liberdade é aquilo que decidimos em conjunto. (BOUCH, 1992, p. 40) afirma que:

Os métodos tradicionais que são considerados como fechado, contrários às descobertas de interesses, inimiga do tatear experimental e ao prazer da criança. As mudanças necessárias e profundas na educação deveriam ser feitas pela base, ou seja, pelos próprios professores e que o modo tradicional de se considerar a escrita infantil consiste em se prestar nos aspectos gráficos dessas produções, ignorando os aspectos construtivistas gráficos têm a ver com a qualidade do traço, a distribuição espacial das formas como a escrita é predominante (da esquerda para a direita, de cima para baixo), a orientação são individuais (inversões, rotações, etc.). Os aspectos construtivos têm a ver como será representada e os meios culturais, de diversas situações educativas nas línguas.

2.8 FASES DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

Para Ferreiro (1979, p. 34) a criança busca a aprendizagem na medida em que constrói o raciocínio lógico. O processo evolutivo de ler e escrever passa por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses a que chegou a criança. Na psicogênese da língua escrita está dividida em cinco fases: Hipótese pré-silábica, Intermediário I, Hipótese silábica, Hipótese silábico-alfabética ou Intermediária II, Hipótese alfabética. A caracterização de cada nível não é estanque, podendo a criança estar numa determinada hipótese e conceitos do nível anterior. Tal “regressão temporária” demonstra que sua hipótese ainda não estendeu em seus conceitos. Os níveis intermediários I e II são momentos do processo que se caracterizam pela evidência de a conduta da criança e nos quais se percebe a perda de estabilidade do nível anterior e a não-organização seguinte, evidenciando o conflito cognitivo.

Ainda neste texto, Ferreiro e Teberosky (1979, p. 40) afirmam que:

Na hipótese pré-silábica não estabelece vínculo entre a fala e a escrita, supõe que para algo poder ser lido, precisa ter no mínimo de duas a quatro grafias, (hipóteses da quantidade mínima de caracteres); supõe que para algo poder ser lido, predominam variadas (hipóteses da variedade de caracteres). Supõe que a escrita representa o nome dos objetos e não os objetos; coisas grandes devem ser grandes, coisas pequenas devem ter nomes pequenos. Supõe que a escrita é outra forma de desenhar ou de representar coisas e usa desenhos e rabiscos para escrever.

2.9 O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Nos Currículos Educacionais (BRASIL. MEC, 1980, p. 22), desde o curso preparatório, o fracasso escolar cria uma verdadeira segregação das crianças. Na quase totalidade dos casos, 20% da população escolar marginalizada, devem-no à leitura não adquirida no fim do ano.

O problema que então se coloca é o de determinar se este insucesso surge de dificuldades eletivas ou de causas mais globais sócio-culturais ou afetivas.

Neste sentido, para Boulch (1988, p. 31) “se a criança tiver problema de desenvolvimento funcional, esta pressão do meio familiar pode passar de positiva para negativa, na medida em que a família compreenda mal o fracasso da criança e, por esta razão, adote uma atitude culpabilizante”.

Com base no desenvolvimento psicomotor afirmou que:

[...] o problema se coloca em relação às dificuldades eletivas de origem funcional, a escrita como a linguagem, é essencialmente um modo de expressão e de comunicação. Entretanto, a linguagem é anterior ao grafismo e o aprendizado da leitura e da escrita apóia-se numa linguagem expressiva em cujo nível a sucessão sonora e a qualidade dos sons emitidos não manifestem déficits patentes. (BOUCH, 1988, p. 32).

2.10 O EDUCANDO E SEU DESENVOLVIMENTO

Para os autores Fonseca e Mendes (1987, p. 45), a escola foi criada para homogeneizar, transmitir modelos sociais definidos, para adaptar as crianças a um modelo social dominante, para selecionar a população. Não é de estranhar que a diversidade seja vivida como um problema, como um obstáculo, e que se busquem mil e uma fórmulas para segregar e homogeneizar: classes de apoio separadas, grupos por nível de conhecimentos, avaliações em termos de acerto/erro, etc. O objetivo não é que todos aprendam igualmente, isso seria impossível.

O objetivo é que todos possam trabalhar reflexivamente e construir. Fonseca e Mendes (1987, p. 45) afirmam, ainda, que:

A motivação está estreitamente relacionada com a auto-estima e o autoconceito acadêmico, e estes são ensinados pelo professor e pelos adultos e crianças que se relacionam com o aprendiz. Nos projetos, o tema é que determina a atividades e implica a realização de tarefas de síntese nas quais se incorpora conhecimentos, procedimentos e atitudes de áreas distintas, sem forçar a situação. A educação fundamental – diversamente dos demais graus de ensino que, formando profissionais de carreiras mais altas, requer aptidões e competências especiais – não pode ser seletiva.

2.11 POSIÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA: PROFESSOR/ALUNO

O aprendizado é algo que permeia a vida de qualquer indivíduo em sua formação escolar, e ocorre a todo instante, pois é armazenado de informações e possui o cérebro. No entanto, é bom saber também que o fato de o aprendizado é a redefinição do sistema família-indivíduo que estão os instrumentos do problema da aprendizagem. (BOULCH, 1988). Sobre este aspecto pode-se ler que:

Ao olharmos à família vemos um sistema que pode apresentar a sua vitalidade para o trabalho terapêutico. A escola precisa pensar a relação professor-aluno e localizar onde se encontra o ensino-aprendizagem. É imperativo analisarmos a realidade psicopedagógica da escola e seus sujeitos, tendo em mente que realidades diferentes podem produzir diferentes tipos de aprendizagens. (BOULCH, 1988, p. 59).

2.12 FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Ao analisar a história de diferentes reformas curriculares americanas, Labaree (1997, p. 6) identificou tensões que caracterizam a sociedade democrática americana - entre a política democrática e o capitalismo de mercado; entre o controle da maioria e a liberdade individual; entre a igualdade política e a desigualdade social. Em face dessas tensões, o autor argumenta que a política educacional americana apresenta-se como uma combinação ambivalente de diferentes finalidades: a igualdade democrática, a eficiência social e a mobilidade social. Trata-se de um conjunto de finalidades bastante díspares, mas que, embora se contraponham em vários aspectos, se reforçam em outros. Apesar das diferenças gritantes entre as realidades americana e brasileira, as análises das finalidades assumidas pelas diretrizes para a formação de professores apontam para as três classes, (LABAREE, 1997).

Sobre este aspecto, pode-se ler:

Assim, pode ser útil para a análise de aspectos fundamentais da política educacional brasileira hoje. Que essa política centra-se numa articulação entre princípios de eficiência e mobilidade social, embora busque se justificar primordialmente por referências à idéia de igualdade democrática. A metáfora da igualdade democrática se operacionaliza em três ações – a formação do cidadão, a igualdade de tratamento na escola e a igualdade de acesso à educação -, derivados dos ideais da revolução francesa. A formação do cidadão é uma das referências mais importantes nas reformas educacionais brasileiras deste último século, constituindo-se em um poderoso instrumento de legitimação de múltiplas alterações do sistema educacional. As referências à cidadania se constroem, na maioria das vezes, sobre o chão de uma cultura comum que precisa ser partilhada pelo conjunto dos sujeitos. (LABAREE, 1997, p. 6)

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este projeto se pautará por uma abordagem qualitativa. Para Flick (2004, p.20), os aspectos da pesquisa qualitativa consistem:

Na escolha correta dos métodos e teorias oportunas, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade ou abordagens e métodos.

3.2 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Esta pesquisa ocorreu em seis fases distintas, iniciando-se com escolha do tema, no projeto de pesquisa, e concluindo com as conclusões finais da Monografia, tudo isto no ano de 2006. Assim, essas fases foram distribuídas em:

A primeira fase consistiu na escolha do tema e na pesquisa bibliográfica em livros e periódicos. Foi possível, nesse sentido, iniciar um posicionamento em relação aos princípios teóricos pertinentes, com a definição do seguinte tema deste trabalho o desenvolvimento da escrita e o processo de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, em fevereiro de 2006.

A segunda fase consistiu na elaboração do projeto de pesquisa, nos meses de março e abril.

A terceira fase consistiu na elaboração do referencial teórico da monografia, nos meses de maio e junho.

A quarta fase consistiu na elaboração e aplicação do instrumento de coleta de dados, nos meses de julho e agosto.

A quinta fase consistiu na organização, análise e discussão dos dados, nos meses de setembro e outubro.

A sexta e última fase, consistiu na construção final da monografia com suas considerações teórico-práticas, no mês de novembro.

3.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O cenário da pesquisa foi uma escola pública de ensino fundamental de Goiás, localizada na região administrativa da Cidade Ocidental – Goiás. A escola oferece à comunidade turmas de 1^a a 4^a série; 2 turmas de Ensino Especial; e 4 turmas de EJA. A escola dispõe de 8 turmas de 3^a séries, sendo 4 turmas no período matutino e 4 turmas no período vespertino; 6 turmas de 4^a séries, sendo 3 turmas no período matutino e 3 turmas no período vespertino.

Os participantes foram cinco professores que atuam no 2^o ciclo do ensino fundamental. O corpo docente é formado por 30 professores, 20 servidores, 01 coordenadora pedagógica, 01 profissional de atendimento psicopedagógico, 02 professores de sala de reforço, 01 diretor, 01 vice-diretor e 02 assistentes. A escola possui 04 blocos, sendo sua disposição da seguinte forma:

Bloco A: funcionam 02 salas de aula, 01 sala de professores, 01 sala de direção, 01 sala de secretaria, 01 banheiro para professores e 01 sala de informática.

Bloco B: 03 salas de aula, 01 sala de reforço.

Bloco C: 03 salas de aula, 01 sala de atendimento psicopedagógico.

Bloco D: 01 cozinha, 01 depósito de merenda, 01 depósito de material de limpeza, 01 sala e 01 banheiro para servidores da carreira de assistência e 04 banheiros para alunos.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para o processo de coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada (Apêndice). Pode-se entender por entrevista semi-estruturada, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, oferecem amplo campo interrogativo e novas hipóteses, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (FLICK, 2004, p. 44).

3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias de análise selecionadas para organização, análise e discussão dos dados coletados foram:

- Caracterização da clientela
- Escrita no processo ensino-aprendizagem
- Importância da escrita
- Aprendizagem em sala de aula
- Atividades desenvolvidas em sala de aula
- Dificuldades da escrita em sala de aula
- O prazer da escrita em sala de aula

3.6 ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados coletados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme descrição a seguir:

1. Caracterização da clientela

Escrita no processo ensino-aprendizagem

Importância da escrita

Aprendizagem em sala de aula

Atividades desenvolvidas em sala de aula

Dificuldades da escrita em sala de aula

O prazer da escrita em sala de aula

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

De acordo com a pesquisa realizada concluiu-se que, investigar o desenvolvimento da escrita e o processo de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental foi apenas o início de muitas outras pesquisas e estudos para aprofundamento do tema. Sabe-se que muito ainda é preciso buscar para que a ação pedagógica esteja condizente com a realidade da sociedade e com uma prática docente autônoma e consciente.

Através do trabalho de campo, percebeu-se a necessidade de o professor ter um olhar observador, buscando o significado no olhar de seu aluno, procurando ajudá-lo no que for possível. Não basta ouvi-lo; é necessário entendê-lo na suas questões de baixa auto-estima, mostrando-lhe o seu valor pessoal.

5 REFERÊNCIAS

APPLE, M; NÓVOA, A. (Org). Paulo Freire: Política e pedagogia. Porto Alegre: Porto Editora 1988.

BRASIL. MEC, Ministério da Educação e cultura. Currículos Educacionais: Uma Metodologia de Planejamento. Brasília: MEC/SEF, 1980.

BOUCH, Le Jean. Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

CURTO, Lluís Maruny; MARRILO, Maribel Ministral; TEIXIDÓ, Manuel Miralles. Escrever e Ler: Como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FLICK, Uwe. Uma introdução à pesquisa qualitativa. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FONSECA, Vitor da Silva; MENDES, Nelson. Escola, escola quem és tu? Perspectivas psicomotoras do desenvolvimento humano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GOODMAN, Yetta. O desenvolvimento da escrita em crianças muito pequenas. In: FERREIRO, E; PALÁCIO, M.G. OS processos de leitura e escrita: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, na escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1987

LURIA, Alexander e Romónovich. A criança e o seu comportamento. In: VIGOTSKY, Semionovich; Estudos sobre a história do comportamento: Símios, o homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LABAREE, David F. A condição pós-moderna. In: BOUCH, Le Jean. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. A formação permanente do professor. In: BOUCH, Le Jean. O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REGO, Lúcia Lins Browne. Literatura Infantil: Uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 1988.

SOARES, Magda B. As muitas facetas da alfabetização. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, 1985.

TEBEROSKY, Ana; FERREIRO, Emília. Sistema de Escrita. México: LWS, 1979.

VIGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA-UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO – FACE
CURSO DE PEDAGOGIA
ACADÊMICA: LAUANA DE ALMEIDA
DATA:**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE O TEMA – O
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA E O PROCESSO DE
APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL.**

Dados de identificação do professor

Faixa Etária:

20 – 29

40 – 49

30 – 39

50 em diante

Sexo: _____

Formação: _____

Tempo de magistério: _____

Séries em que atua: _____

Questões:

- 1) Como você percebe a escrita no processo de ensino-aprendizagem?
- 2) Qual a importância da escrita nas séries iniciais?
- 3) Quais fatores você acredita facilitar a aprendizagem da escrita em sala de aula?
- 4) Como você procura desenvolver o processo de escrita em sua sala de aula?
- 5) Quais as dificuldades que você possui para o desenvolvimento da escrita de seus alunos?
- 6) Como o educador pode tornar a escrita mais prazerosa ao educando?